

Doris Lessing:
(quase) esquecida

jornal de letras, artes e ideias

Ano V, n.º 145 De 16 a 22 de Abril de 1985 Preço 50\$00

Semanalmente, às terças-feiras

Director José Carlos de Vasconcelos



Arquitectura: dois portugueses na Bienal de Paris

pág. 12



Arquitectura: dois portugueses na Bienal de Paris

pág. 12

Artes

Bienal de Paris

Nuno Portas

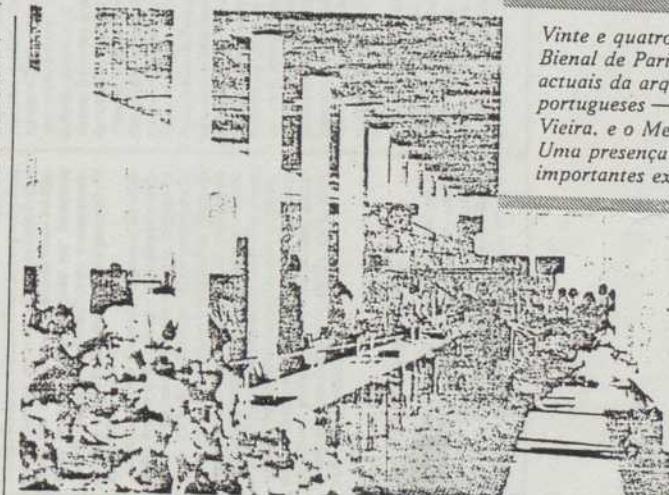
Al vai um bilhete de Paris, à moda dos bilhetes postais do J. A. França, para assinalar uma importante presença da arquitectura portuguesa na Bienal de Paris, agora aberta ao público na grande nave de La Villette — parte do parque de atrações do norte parisense que espera as «folles» do arquitecto amigo Tschumi escolhido em recente concurso público.

E dado que esta crónica vai sob o signo do nacionalismo, insinuou-se o orgulho ferido francês ao dar-se conta de que, por umas razões ou por outras, acabaram por ser estrangeiros os arquitectos de quase todos os «grandes estaleiros» do septenário do presidente Mitterrand e, até, do Maire Chirac! Foi o caso da nova ópera (na Bastilha), entregue por um júri de concurso a um canadiano; do polémico arranjo do Museu do Louvre, entregue pessoalmente por Mitterrand a um americano-chinês sempre eficiente e por vezes elegante; de outro museu, o que deve mostrar a cultura da Revolução Industrial no edifício da velha estação do Quai d'Orsay, que está a ser arranjado por uma grande especialista italiana (Sae Auletti); já não falando da «miseria» que o catalão Bofill vai fazendo por aqui com os seus bairros neobarrocos, o último por detrás da estação de Montparnasse, outros mais antigos servindo de «decoro» ao divertidíssimo filme de polémica-ficção de T. Sicilian que dá pelo nome de «Brasil»... enfim, se juntarmos à escolha do suíço para a Villette ou o encargo feito por Chirac a um japonês, dá para pensar sobre a verdadeira colonização cultural que os franceses vão deixando fazer na sua própria capital — e nós que dizímos que eram eles os xenófobos! — com raiva e despeito dos arquitectos locais que, para não parecer mal, denunciam os gastos de dinheiros públicos nestas grandes obras...

Dois portugueses

Mas passemos sobre estes detalhes: não é só Paris que é «rendez-vous» da arquitectura internacional; é também Berlim — onde a obra de Siza Vieira continua a ser polémica — ou a Barcelona que prepara a candidatura aos Jogos Olímpicos. E a chamada de Siza a Haia para um projecto concreto também vai no mesmo sentido das «trocas» culturais que tradicionalmente, via reis ou bispos, sempre se

Dois portugueses no panorama da arquitectura actual



Vinte e quatro projectos expostos no âmbito da Bienal de Paris documentam as tendências actuais da arquitectura. Entre eles dois projectos portugueses — a moradia de Ovar, de Siza Vieira, e o Mercado de Braga, de Souto Moura. Uma presença em força numa das mais importantes exposições do momento.

reproduzir-se — desde Hong-Kong (do inglês Foster) a um hospital de Aix-la-Chapelle ou a um edifício universitário do velho fundador Ralph Erskine, também seleccionados pela Bienal. Dois arquitectos mais salientes de tendências da última década, segundo flutua (com uma morada conhecida, a meu ver pouco interessante), ou o belga Lucien Kroll com uma estação expressíssima do metro de Bruxelas, foram escolhidos: o juri procurou, pelos vistos, um critério pragmático que evitou os excessos mais polémicos ou as obras

mais publicitadas. Atitude que não deixa também de ser... polémica.

Os «posts» e os «prazeress»

A outra polémica, a dos «posts», essa está em cheio no primeiro andar do Beaubourg, vinda do novo e também polémico museu da arquitectura de Stuttgart com todos os «quapas» presentes, de Venturi a Rossi, de Krier a Moore e todo o sequito arquitectónico, cada um com direito a um quartinho com desenhos ou maquetas, numa exposição que se chama dos «Novos Prazeres da Arquitectura». Mas nenhum ibérico, neste caso, nos dá esse prazer. Desfile que deixa perplexa a multidão de gente comum que vi passar por lá num tarde de sábado. Arquitecturas ironicas ou provocatórias, umas; de colagens revolucionárias do estilos do passado, outras; de literatísmos ou gigantismos de conotações totalitárias, ainda outras; mas sobre tudo arquitecturas pintadas e não construídas (nem construíveis, naquela casas) que visam quasi sempre mais a «attitudes» ou mesmo a provocação do que a criação, a vivência, numa palavra (que sei ser também ambígua), a poética, falso poética capaz de motivar as pessoas-habitantes sem precisar de apelar para a memória erudita. Tal como aconteceu com outras formas de expressão — a pintura ou a literatura ou, ainda, recentemente o cinema —, este arquitectura das exposições e da vanguarda - das - revistas de arquitectura ainda se caracteriza pelo discurso sobre a própria linguagem — e, pessoalmente, tenho cada vez mais dúvidas que este intellectualismo exacerbado e quase sempre aborrecido ajude a sair da crise da comunicação que o ditou. Os «novos prazeress» da arquitectura, esses há que huya, os provavelmente em obras menos pretensiosas e não necessariamente conformistas que se vão construindo aqui e ali. E viva o Mercado de Braga!

Vem isto a propósito da Bienal de Paris. Sobre umas centenas de obras de arquitectura inscritas, um júri francês escolheu duas dúzias de exemplos que estão expostos sob a forma de fotografias a cor, projeção de diapositivos em grande ecrã e vídeo leitos expressivamente por profissionais contratados pela Bienal.

Entre os 24, dois portugueses escolhidos: o (felizmente) inevitável Siza Vieira, com uma das últimas obras — a moradia em Ovar — e Eduardo Souto Moura com o mesmo mercado municipal de Braga que já ganhou, em 1984, o Prémio de Arquitectura da revista «Cahiers Municipais». As duas obras portuguesas — a primeira mais problemática, a segunda mais directa — cito de cor, entre as contribuições mais sérias, ao lado da única espanhola (o Museu de Arqueologia de Mérida de Rafael Moneo) de uma excelente escola suíca, de um dispensário no Suriname em ambiente tropical, de uma tenda que abriga uns laboratórios de investigação em Cambridge, de outra que vende produtos da IBM desenhada por Renzo Piano, um dos autores de Beaubourg — cujo «tubismo» exacerbado e retórico continua a